LEONARDO BOFF

Filósofo, teólogo e escritor

A vitória de Davi contra um Golias de pau-oco

As eleições presidenciais no Brasil foram acompanhadas por muitos países,interessados na preservação da democracia. Pois estamos enfrentando pelo mundo afora uma onda poderosa de autoritarismo, de ascensão da extrema-direita que suscitam fantasmas tenebrosos do tempo do nazifascismo. Somente que hoje de forma muito mais arriscada porque o futuro da própria vida no planeta está exposta à extinção. A irracionalidade humana, na busca desenfreada de poder--dominação, criou para si o princípio de auto--destruição. Quem nos garante que a segurança é total? Ou não realize o devaneio de um chefe de estado tresloucado que venha acionar os mecanismos da "mútua destruição assegurada"? Estes existem. Sabem que vão morrer junto mas não largam o osso, a vontade de poder.

Já o filósofo Thomas Hobbes (1588-1679), teórico do poder de Estado, constatou em seu famoso Leviatã (1651): "Assinalo, como tendência geral de todos os homens, um perpétuo e irrequieto desejo de poder e de mais poder, que cessa apenas com a morte. A razão disso não reside num prazer mais intenso que se espera, mas no fato de que não se pode garantir o poder senão buscando mais poder ainda". O que Donal Trump está praticando em sua política externa comprova esta afirmação. Seu mestre é O príncipe (1532) de Nicolau Machiavel (1469-1527), segundo o qual qualquer meio serve para o fim desejado.

Digo tudo isso para conferir relevância às eleições presidenciais no Brasil. O confronto era entre a democracia e a barbárie, entre a coragem do Davi bíblico e a força de um Golias(oculto atrás de Flávio Bolsonaro) que se mostrou ser de pau-oco e seu súculo,(Flávio) derrotado ,mentiroso, corrupto, covarde e fujão.

Importa reconhecer que o presidente Lula foi o único no mundo que enfrentou o valentão,Trump, que explicitamente declarou que iria submeter todo mundo, não pela diplomacia mas pela força política, econômica e eventualmente militar. Dentro deste perverso propósito megalômano, impôs pesados tarifaços comerciais a quase todos os países, até a seus mais próximos aliados, como os europeus. O Brasil foi, por razãoes políticas e menos econômicas, foi vítima desta violência irracionanal.

Praticamente todos se curvaram. Lula nunca se vergou, pois se manteve de pé por mais severos que foram os vendavais. Dialogou olho a olho com o "pretenso imperador do mundo", Donald Trump.Este não aguentou a irradiação carismática de Lula. Este falava a verdade sem metáforas. Num certo momento, Trump pareceia um aluno, inclinado, ouvindo as palavras sábias de um Davi que parecia um Golias de verdade. O que é verdadeiro possui sempre a força invencível de desmascarar o que é falso.

Nas eleições brasileiras surgiram dois fenômenos a serem enfatizados: os movimentos dos jovens e a presença dos idosos que foram votar. Os jovens, a partir da universidade federal de Niterói,sem ter qualquer partido ou liderança por trás, mas movidos pela consciência do que se tratava realmente nestas eleições: ou a regressão a um passado velhista ou o avanço maior para abrir o país à altura dos desafios da nova fase digital da humanidade, a soberania ou a submissão aos EUA.

Esse movimento dos jovens contaminou praticamente todo o país: as ruas se encheram de milhares de jovens e de outros defensosres da democracia. Os reclamos eram a defesa da democracia, da soberania, a rejeição da extrema-direita, o "fora Bolsonaro" e o apoio a seu oponente, o presidente Lula.

É minha pressunção de que este movimento não terminará com as eleições. Continuará nas ruas de forma sistemática para equacionar o grande desequilíbrio existente entre o Executivo,Lula, e o parlamento constituído em sua maioria por conservadores e de representantes da extrema-direita.Este movimento pressionará o congresso conservador que, como sabemos, exercerá sua força para inviabilizar os projetos do executivo.Mas o que os conservadores e a extrema-direita mais temem é povo na rua,especialmente jovens, pois tais políticos possuem mais interesses corporativos do que vontade de servir à pátria. Diria, se esse movimento juvenil com outros progressistas se consolidar, irá constituir-se numa nova força histórica, com nova consciência de cidadania e com um outro projeto de Brasil. Isso secundaria a vontade do presidente reeleito que publicamente se dispôs a mudar a forma de governar,com outra base e com um domínio mais completo dos meios digitais e sociais.O virtual se comporá com o real.

Fato notável a ser valorizado foi a quantidade de idosos que foram teclar o seu voto. Era comovedor ver uma senhorinha carregada pelos braços de seus netos,sendo levada à urna para depositar seu voto. E eram centenas e centenas por todo o país. Todos eles ajudaram no triunfo da democracia, da soberania e das liberdades ameaçadas.

Como escreveu um eminente filósofo brasileiro Manfredo de Oliveira da UFCE:"A visão democrática emerge da experiência básica de que o outro é meu semelhante de onde decorre a tese da igualdade básica de todos os humanos e a exigência de configurar a vida de tal modo que esta igualdade básica se efetive em relações simétricas em todas as esferas da existência, resistindo a todo tipo de ordenação que impeça ou limite sua efetivação" Temos a esperança de que a experiência brasileira de resistência à dominação imperial ajude a criar este tipo de democracia.

A nova consciência ecológica cresce à media que as ameaças à vida se tornam inegáveis. Então, far-se-á imperativo afirmar a dignidade da Terra (dignitas Terrae) Gaia, super-organismo vivo,que reclama respeito e veneração. Impõe-se, portanto, a ampliação da personalidade jurídica da Terra e aos seus componente como as água, as florestas, as terras ricas, os solos férteis e todos os fatores que garantem a vida. Desta forma, por serem sujeitos de direitos,tornam-se os novos membros da sociedade humana ampliada.

Se quisermos sobreviver juntos, a democracia tem de ser também geocracia, biocracia,uma democracia ecológico-social. Em termos viáveis um autêntico ecosocialismo, no seu sentido original (Michael Löwy) que nada tem a ver com o frustrado socialismo soviético.

Para tal perspectiva possível e necessária faz--se mister uma educação ecologica integral para que os humanos aprendam a acolher todos os seres como con-cidadãos, no respeito, na justa relação e na imandade universal como sugeru o Papa Francisco em suas encíclicas Laudato Sì e Fratelli tutti.

O Brasil possui as condições de começar a pôr em marcha esse projeto salvador, dada a presença em seu território de tudo o que precisamos para viver.

Por fim, valem as palavras do grande herói mexicano Emilio Zapata:"lute até que a dignidade humana (acrescentaria a Terra) se torne um costume."

ANA CAROLINA BORGES

Advogada

Quando o trabalhador pode ter direitos de financiário?

As cooperativas de crédito ocupam um espaço cada vez maior no mercado financeiro brasileiro. Oferecem empréstimos, cartões, investimentos, seguros, consórcios, contas, serviços de pagamento e outras soluções que fazem parte da rotina de milhões de pessoas.

Muitas pessoas não sabem, mas nem sempre as empresas que trabalham com estes tipos de serviços, enquadram seus funcionários na categoria profissional correta.

O enquadramento correto é relevante porque os financiários possuem regras coletivas próprias e, em determinadas hipóteses, podem ter acesso a direitos semelhantes aos assegurados no setor bancário.

Entre os pontos que normalmente entram na discussão estão: a jornada especial de seis horas diárias, piso salarial, participação nos lucros e resultados, auxílio-refeição, auxílio-alimentação, anuênios e outros benefícios previstos em convenções coletivas.

Em muitas cooperativas, profissionais que ocupam funções como, por exemplo, gerente de relacionamento, gerente de agência, assistente comercial ou consultor de negócios administram carteiras de clientes, oferecem cartões, seguros, consórcios e investimentos, captam novos cooperados, acompanham propostas de crédito e participam da comercialização de produtos financeiros.

Essas atribuições se aproximam da atividade desenvolvida em empresas de crédito, financiamento e investimento. Por isso, em determinadas situações, pode haver discussão sobre o enquadramento do trabalhador como financiário.

Para avaliar um possível enquadramento como financiário, é necessário observar elementos como: quais produtos e serviços são oferecidos pela cooperativa; se há concessão, análise ou intermediação de crédito; se o empregado comercializa cartões, seguros, consórcios, investimentos ou outros produtos financeiros; se realiza captação de clientes ou cooperados; se participa de operações de crédito ou da gestão de carteiras; e quais normas coletivas são aplicadas ao contrato de trabalho.

Em uma ação trabalhista ajuizada contra cooperativa de crédito, por exemplo, a autora alegou que exercia a função de gerente de relacionamento pessoa física, com atuação em venda de produtos financeiros, captação de clientes e operações relacionadas a crédito. A ação sustentou que, diante das atividades da instituição e das tarefas desempenhadas, deveriam ser aplicadas as normas coletivas dos financiários.

A realidade sempre prevalecerá sobre a aparência no Direito do Trabalho. Quando as atividades efetivamente desenvolvidas se aproximam do mercado financeiro, é legítimo discutir se os direitos recebidos acompanham, de fato, as responsabilidades assumidas no dia a dia.